

humanitas

Vol. LIX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HVMANITAS

Vol. LVIX - MMVII



CITAÇÃO DE GREGO NAS VIAGENS NA MINHA TERRA DE GARRETT

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA

Résumé: Garrett cite, dans «Viagens na minha terra» (*Voyages dans mon pays*) - chap. IV, un texte grecque en deux lignes sur l'importance relative entre le respect ou la modestie (*aidôs*) et l'innocence - des lignes qu'il considère des vers et qu'il attribue au poète Démadès. On ne connaît pas un poète grecque ancien de ce nom là. C'est peut-être une confusion avec l'orateur attique, nommé ainsi, à qui appartient la première ligne du texte grecque cité au dessus (fr. 20 Sauppe). Ce n'était pas possible d'identifier la deuxième ligne, mais je pense que Garrett a cueilli le texte dans un recueil ou chez un auteur - il s'agit, très probablement, de Joseph Addison.»

Almeida Garrett cita um texto grego em duas linhas, no início do capítulo IV das *Viagens na Minha Terra*, que julga ser dois versos, que atribui ao poeta Démades e que aqui reproduzo conforme vêm transcritos nas edições de Vitorino Nemésio (Porto, Tavares Martins, 1946), a que com mais fidelidade o transmite, e de José Pereira Tavares (Lisboa, Sá da Costa, 1954), que muito da anterior se aproxima:

Αἰδώς- Τε κάλλεος καί ἀρετῆς- πόλις
Πρώτον ἀγαθὴ ἀναμαρτησία, δεύτερον δε αἰσχύνη.

que, de uma maneira muito livre, Garrett traduz deste modo

De beleza e virtude é a cidadela
A inocência primeiro - e depois ela.

A liberdade de tradução, e até paródia, são correntes em Garrett, como se pode ver na utilização que faz do *skolion* ou “canção de mesa” sobre Harmódio e Aristogiton¹, cuja tradução da primeira estrofe é a seguinte:

De ramo de mirto na mão, levarei a minha espada,
 como Harmódio e Aristogiton,
 quando mataram o tirano
 e tornaram isónoma Atenas.

Deste texto faz Garrett, no início do Cap. III das mesmas *Viagens na Minha Terra*, uma notável paródia que transcrevo:

Eu coroarei de trevo a minha espada
 De cenouras, luzerna e beterraba,
 Para cantar Harmódios e Aristógitons
 Que do tirano jugo vos livraram

Nas *Flores sem Fruto* (Livro I, com. 14) Garrett dá uma tradução desta “Canção de mesa”, que ainda atribui a Alceu e onde está patente a aludida liberdade de versão. Transcrevo a primeira estrofe, a que mais interessa neste contexto:

Eu coroarei de mirto a minha espada,
 Como a de Harmódio, honrada,
 E como a de Aristogiton, o forte,
 Quando ao sevo tirano deram morte,
 E Atenas libertada
 Foi à igualdade antiga restaurada.

¹ D. Page, *Poetae Melici Graeci*, nos 893-896. Harmodio e Aristogiton — em Garrett, nos capítulos III e VI das *Viagens*, aparece com a acentuação proparoxítona Aristogiton — assassinaram em 514 a.c. Hiparco, um dos filhos de Pisistrato, um e outro tiranos de Atenas, por motivos hoje ainda não totalmente esclarecidos. De qualquer modo, depois da queda da tirania em 510, passaram a ser exaltados como libertadores da cidade do jugo da opressão. Ficaram conhecidos para a posteridade como os Tiranícidias e na Agora foram-lhes erguidas estátuas. Segundo Pausânias 1. 8. 5, as primeiras, da autoria de Antenor, foram levadas para a Pérsia por Xerxes em 480 e substituídas por outras, esculpidas por Critios. Sobre o assunto vide G. M. A. Richter (1970), *The Sculpture and Sculptors of the Greeks*. New Haven, 154-156; D. Page (1981), *Further Greek Epigrams*. Cambridge 186-189.

Não será, pois, a liberdade de tradução a motivar esta pequena nota. Antes o texto grego que Garrett usa e atribui a Démades - Demades deveria ser, de acordo com a quantidade da penúltima, mas penso que a forma Démades, a partir da sua utilização por Garrett, terá carta de alforria

- e o modo como geralmente aparece transcrito nas diversas edições. E foime sugerido - e muito lhe agradeço - por uma consulta que, sobre este dístico grego, atribuído a Démades, me fez a Prof. Doutora Ofélia Paiva Monteiro, estudiosa insigne de Garrett, quando preparava a edição crítica das *Viagens na Minha Terra*.

O texto grego - a que Garrett chama versos e inclui como opinião contrária à sua teoria de que a modéstia tem a primazia sobre a inocência - merece algumas reflexões.

A primeira diz respeito à designação de versos que lhes é dada e que eles não são, porque não têm escansão que se coadune com as regras da métrica grega. A segunda incidirá sobre a fonte em que Garrett colheu o texto que transcreve e à sua atribuição ao «poeta' Démades.

Percorrendo a lista dos autores gregos não encontramos nenhum poeta com esse nome. Apenas um orador, natural da Ática, que viveu no séc. IV a.C. e de quem só nos chegaram fragmentos. Além disso, a consulta ao *corpus* dos seus textos não permite detectar nenhum fragmento que corresponda ao dístico citado por Garrett. Quando muito, pode aproximar-se do primeiro verso o que foi transmitido no *Florilegium* de Estobeu (LXXIV. 56) e que corresponde ao fr. 20 Sauppe. Passo a transcrevê-lo: Δημάδης ελευ την αιδώ του κάλλους ακρόπολιν εivai («Démades diz que o pudor é da beleza a acrópole»). De qualquer modo este paralelo do orador Démades apresenta diferenças significativas: o passo de Garrett, além de acrescentar και άρβτής («e da virtude»), substitui ακρόπολις (☉acrópole, cidadela") por πόλις- e opta pela forma poética κάλλος, em vez da do ático κάλλους que naturalmente aparece no orador. São divergências relevantes, na realidade.

A situação complica-se, no que respeita ao segundo verso. Até à data não consegui encontrar texto que com ele condiga, ou paralelo que se aproxime, mesmo com recurso ao cruzamento de palavras em índices, em concordâncias, ou em consulta informática. Não estou nem pretendo afirmar que não exista. Apenas que até ao presente momento o não consegui descobrir. Penso, inclusive, que esse texto deve existir ou ter existido e que Garrett o deve ter visto e copiado para as suas *Viagens na Minha Terra*.

É certo que Garrett, além de dominar com segurança o latim, aprendeu grego, em Angra do Heroísmo, com Joaquim Alves e a esse seu mestre

se refere ironicamente no prefácio de *Mélope*, considerando-o o fomentador das suas «presunções de helenista», a ponto de conceber a ousadia de tentar ler Eurípidés no original com a ajuda do Padre Brumoy². Transcrevo as palavras de Garrett que se situam no momento em que explica a génese da tragédia, durante a sua estadia nos Açores:

Estava eu na ilha Terceira, e cheio de presunções de helenista porque um santo velho que ali havia, o Sr. Joaquim Alves [.....] me tinha feito entender quatro versos de Homero. Tive a confiança de querer ler Eurípidés no original; e com o auxílio do Padre Brumoy, cheguei a conhecer sofrivelmente algumas das suas tragédias. Não cabia em mim de contentamento e de entusiasmo. Eurípidés era o maior trágico do mundo.

É evidente que estas palavras patenteiam muito de vaidosa ironia e que o autor de *Viagens na Minha Terra* parece confirmar a sua incipiência no domínio da língua de Péricles, ao confessar em 1822, no *Toucador*, que desgraçadamente não conhece o grego³:

Desgraçadamente, não sabemos grego, nem somos antiquários; e por consequência não podemos dizer com a certeza que se requer em negócio de tanto momento, se, com efeito, a palavra *tragédia* se deriva do vocábulo grego que designa o animal libidinoso que se sacrificava a Baco; nem tão-pouco fazer uma descrição miúda e circunstanciada das carretas de Téspis.

Não é assim tão evidente, todavia, o desconhecimento de Garrett. Repare-se que, apesar da afirmação, mostra ter a noção da discussão à volta da etimologia do termo tragédia e dos problemas e dúvidas que ela coloca. Se a referência às carretas de Téspis a poderia encontrar na *Arte*

² A obra do Padre Brumoy (1730), *Théâtre des Grecs* teve várias edições e foi a via do conhecimento do teatro grego para muitos autores dos sécs. XVIII e XIX. Em Portugal, são exemplo disso, além de Garrett, Manuel de Figueiredo e Reis Quita. Sobre o assunto vide José Ribeiro Ferreira (1974), «Influência da *Andrómaca* de Eurípidés no teatro português do séc. XVIII», *Bracara Augusta* 28, fase. 65-66 271-278 e (1974), «Fontes clássicas na *Mégara* de Reis Quita e Pedegache», *Humanitas* 25-26 141-153 (o último só para Reis Quita); M. H. Rocha Pereira (1988), *Novos Ensaios sobre Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*. Lisboa 165-166. Sobre o débito de Garrett, vide Ofélia Paiva Monteiro 1971:1 96-102.

³ O *Toucador* (edição da Vega, Lisboa, 1993), p. 79.

Poética de Horácio (vv. 275-277), que bem conhecia e mesmo a alusão ao bode (v. 220), trata-se de receber esse animal como prémio de um carne trágico e não a discussão acerca da origem da palavra a que o passo de *O Toucador* alude e que tem originado controvérsia ao longo dos tempos⁴.

De qualquer modo, as citações que Almeida Garrett faz saem-lhe, de facto, também a cada passo, para não dizer por sistema, estropiadas. Para dar apenas dois exemplos, assim acontece na transcrição, na nota O ao Canto IV de *O Retrato de Vénus*⁵, do verso formular relativo à «Aurora de dedos róseos», várias vezes repetido nos Poemas Homéricos: Ἠμῶς δ' ἤριγενεια φάνη ροδοδάκτυλος Ἥώς («Eis que surge a filha da manhã a aurora de dedos róseos»)⁶.

A citação que estamos a comentar é ela própria também um exemplo elucidativo, já que, quer na publicação em capítulos na *Revista Universal Lisbonense*, quer na 1- edição de *Viagens na Minha Terra*, de 1846, revista pelo autor, a citação aparece relativamente deformada:

Αἰδῶς τε καλλυκυαρειτή? πόλις
Τῶν ἄγαθῶν ἀνμαρτια, δεύτερον δε αἰσχύνη.

Esta transcrição, a que, na edição revista de 1846, Garrett não faz qualquer emenda, além de quase não conter acentos e espíritos, aparece com a primeira e a última palavras seccionadas, dá-nos o substantivo ἀνμαρτια que não existe - talvez pretendesse escrever ἀναμαρτησία (“inocência”) - e apresenta a forma masculina do adjetivo ἀγαθός que não concorda com qualquer outro termo na frase.

Parece-me por isso pertinente a conclusão de Ofélia Paiva Monteiro 1971: I 80, ao considerar que «conhecendo as hipérboles habituais do narcísico Garrett ao evocar a sua biografia, acredita mais «na leitura quantiosa do Padre Brumoy», comprovada aliás pelas primeiras tentativas trágicas, do que na do texto grego do poeta antigo e que o Padre Joaquim Alves lhe deve ter «ensinado apenas uns rudimentos de língua grega que,

⁴ Vide A. Lesky (1971), *A tragédia Grega* (trad. port.). São Paulo, 52-60 e (1995), *História da Literatura Grega* (trad. port.). Lisboa, Gulbenkian, 255-256 ; P. Chantraine, *Diet. Étym. De la langue Grecque*, s. v. τραγωδός.

⁵ Sobre o assunto vide Ofélia Paiva Monteiro 1971:1 80 e nota 25.

⁶ Este verso formular surge 2 vezes na *Bada* (1.477 e 24. 788) e vinte na *Odisseia* (e. g. 2.1, 3.404 e 491, 4. 306, 5. 228, 8.1, 9.152, 9. 307, 9. 437,12. 8,15.189,19. 428). Vide A. Heubeck et alii (1988), *A Commentary on Homer's Odyssey*. Oxford ad. II. 1.

se lhe permitiram pela vida fora o vaidoso alarde de numerosas citações em grego, lhe acarretaram também o seu habitual desfiguramento».

Será portanto lógico deduzir que, apesar de Garrett ter afirmado que aprendeu grego com o Padre Joaquim Alves e chegou a ler Eurípides no original, o seu domínio da língua helénica seria não muito aprofundado. Se talvez pudesse ter um pouco mais do que os rudimentos, dificilmente daria para forjar um passo como este dístico que atribui ao 'poeta' Démades, embora já fosse suficiente para o transcrever.

Ficam, no entanto, dúvidas por esclarecer e que, de certo modo, se prendem com o trato que sofreu esta citação, quer por Garrett, quer nas mãos dos editores.

Nas diversas edições que consultei o texto da citação aparece, de modo geral, incorrectamente grafado, ou mesmo eliminado. Mesmo o das duas acima referidas, e que também acima transcrevo, não está isento de reparos. O sintagma *τε κάλλεος* da primeira linha não deve estar correcto. Deveríamos ter *του κάλλβος* (a forma poética) ou até *του κάλλους*, no dialecto ático, já que o primeiro verso tem paralelo no orador. Teríamos então

Αἰδώς του κάλλους και ἀρετῆς πόλις,
Πρώτον αγαθή ἀναμαρτησία, δεύτερον δε αἰσχύνη.

cuja tradução será a seguinte:

O pudor é da beleza e da virtude a cidadela,
Primeiro a boa inocencia e depois a vergonha.

De facto, no que ao segundo verso respeita, *ἀγαθή* pode admitir-se, a concordar com *ἀναμαρτησία* "inocência".

Pergunto-me, no entanto, - valorizando aliás a primeira edição em volume, de 1846, revista pelo autor - se não será preferível *αγαθόν*, no neutro, mais próximo da forma masculina que essa edição nos fornece, para dar o sentido de que a inocência é o primeiro bem. Interrogo-me sobre as razões da opção pela forma poética *κάλλεος*, em detrimento da ática e do acrescento de *ἀρετῆς*. Por outro lado, perante a forma *αυμαρτια*, que não existe, pergunto-me ainda que palavra tinha em mente Garrett ou quis escrever. Pensava em *ἀναμαρτησία*, adoptada pelas edições acima referidas, que é do grego tardio e significa de facto "inocência" e aparece sobretudo em contextos cristãos? Dúvidas a que, até ao momento, não consegui dar resposta satisfatória.

Levam-me, contudo - pois penso que não devemos deixar de ter em conta as formas que aparecem na edição de 1846 das *Viagens na Minha Terra* - a propor para a citação um texto que mantenha a forma poética κάλλεος- e o neutro αγαθόν:

Αιδώ? του κάλλεος- και αρετής πόλις,
Πρώτον αγαθόν άναμαρτησία, δεύτερον δε αισχύνη.

que daria a versão seguinte:

O pudor é da beleza e da virtude a cidadela,
O primeiro bem é a inocência e o segundo a vergonha.

Chegados aqui, apenas podemos concluir que as dúvidas continuam muitas. Parece que, face às deformações que as citações gregas apresentam, podemos também aceitar que, tanto quanto é geralmente aceite e o sublinha Ofélia Paiva Monteiro 1971: I 71-83, Garrett não teria conhecimentos suficientes para compor em grego, nem seria capaz de fazer acrescentos num texto ou lhe introduzir alterações significativas.

Assim, aceite esse precário domínio e verificadas as divergências relevantes entre o primeiro verso da citação e o fragmento 20 Sauppe do orador Démades, talvez seja sensato admitir a possibilidade de que corresse no seu tempo uma colectânea de poesia em que o dístico viesse, de facto, atribuído a Démades -- ou pelo menos que o tivesse lido em alguma obra. Até agora, porém, infrutíferos foram os esforços feitos para o encontrar.

Ou estaremos a depreciar em demasia os verdadeiros conhecimentos de Almeida Garrett em língua grega, valorizando afirmações suas, de onde não anda arredia alguma dose de ironia e de falsa modéstia?

Não estará essa falsa modéstia patente na citada afirmação de O *Toucador*, de que por desgraça não sabia grego? Afinal di-lo para justificar não gastar tempo com explicações sobre a origem etimológica do termo 'tragédia' e a sua tantas vezes alegada ligação ao 'canto do bode'.

Note-se, por outro lado, que manuseara e, como ele próprio assevera, 'embrulhara e desconjantara' os *Persas* de Esquilo «em uma coisa de cinco actos que alcunhara de tragédia com o nome de *Xerxes*»⁷; que aprende grego e retórica com o Padre Joaquim Alves, a ponto de lhe permitir, segundo

⁷ Vide Ofélia Paiva Monteiro 1971:1 73-74 nota 6.

palavras suas no Prefácio de *Mélope* - vaidosas e exageradas, é certo - 1er Eurípides no original; que, no último capítulo chegado até nós (o XXIV) do romance incompleto *Helena*, mostra conhecimento profundo da *Odisseia* no diálogo entre o General de Bréssac e Isabel, a filha do Visconde.

Apesar de tudo, o mais prudente será admitir ter Garrett lido e colhido a máxima em alguma publicação ou autor que até à data ainda não consegui identificar. Sinto-me, porém, inclinado a sugerir Joseph Addison. Embora, na obra dele que até hoje folheei, não tenha encontrado a citação, aparecem, a preceder e a entremear os ensaios com que colaborou no *Spectator* abundantes citações e máximas, retiradas de autores gregos e latinos, de primeiro plano uns e outros menores. Aliás a sequência do texto das *Viagens na Minha Terra* parece precisamente encaminhar-nos nesse sentido, já que logo a seguir ao dístico e respectiva tradução, Garrett se refere ao autor inglês, a quem chama «o meu Addison» que traz na algibeira e não larga nunca, neste significativo passo:

Mas a autoridade responde-se com autoridade, e a texto com texto. E eu trago aqui na algibeira o meu Addison - um dos poucos livros que não largo nunca - e atiro com o filósofo inglês ao filósofo grego e fico triunfante: porque Addison não põe nada acima da modéstia.

Esta forma de se referir Addison é muito idêntica aliás à que usa, a abrir o capítulo XVI das *Viagens*, para designar os autores latinos que tanto estima, em especial Horácio, cujo início da *Sátira* 9 do Livro I cita, e bem:

Se eu for algum dia a Roma, hei-de entrar na cidade eterna com o meu Tito-Lívio e o meu Tácito nas algibeiras do meu paletó de viagem [...]

E Juvenal e Horácio? o meu Horácio, o meu velho e fiel amigo Horácio!... Deve ser um prazer régio ir lendo pela sacra-via fora aquela deliciosa sátira, creio que a nona do L.I,

Ibam forte sacra via, sicut meus est mos
Nescio quid meditans nugarum...

Certezas, porém, não as possuo. Ainda não encontrei a citação em causa e, sem isso, as dúvidas acima levantadas persistirão.

Bibliografia

Almeida Garrett (1963), *Obras de Almeida Garrett*. Porto, 2 vols.

Ofélia Paiva Monteiro (1971), *A Formação de Almeida Garrett. Experiência e Criação*.
Coimbra, 2 vols.